

**“É COM CORAGEM E SINCERIDADE QUE QUERO LHES FALAR”:  
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A SINTAXE DISCURSIVA DE DILMA  
ROUSSEF NA 66ª AGNU**

*Marcos Paulo Santa Rosa Matos\**

**Resumo:** Aborda-se a relação entre sintaxe e discurso a partir da noção foucaultiana de simpatia e da análise linguística do pronunciamento de Dilma Roussef na abertura da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Partindo de breves considerações teóricas acerca da interdependência entre as instâncias sintáticas e discursivas, realiza-se um estudo da influência e correspondência entre as estruturas socioideológicas e linguísticas.

**Palavras-chave:** Sintaxe; Discurso; Simpatia; Subordinação; Coordenação.

**Resumen:** Discute la relación entre la sintaxis y el discurso a partir de la noción foucaultiana de la simpatía y del análisis lingüístico del pronunciamiento de Dilma Rousseff en la apertura de la 66ª Asamblea General de la ONU. Comenzando por breves consideraciones teóricas sobre la interdependencia entre instancias sintácticas y discursivas, realiza un estudio de la influencia y de la correspondencia entre las estructuras socioideológicas y lingüísticas.

**Palabras clave:** Sintaxis; Discurso; Simpatía; Subordinación; Coordinación.

## 1 Introdução

*“Sem Sintaxe não há emoção duradoura”  
(Fernando Pessoa)*

A ingenuidade das comunicações e enunciações é uma dimensão que já não coaduna com a moderna concepção de linguagem enquanto discurso: os enunciadores são movidos por ideologias e situam-se na história, suas enunciações não são fatos linguísticos puros e os enunciados produzidos não são acidentais ou arbitrários, mas fatos sociais profundamente motivados por necessidades e interesses.

Essa perspectiva crítica já é revelada com clareza por E. Benveniste, que postula a concepção de vozes do texto e propõe a fragmentação do emissor em duas instâncias discursivas, conforme comenta Amorim (2002, pp. 10-11):

[...] é preciso ainda distinguir duas vozes: a do locutor, aquele que diz “Eu” no interior do texto (ou que diz “Nós” ou “se” da terceira pessoa) e a voz do autor. Bakhtin sublinha que, mesmo para os textos autobiográficos ou na

---

\* Graduando em Letras (Licenciatura) e em Direito (Bacharelado) na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.  
E-mail: mp.srmatos@hotmail.com



forma de diários, a distinção deve ser feita. Ele o diz, aliás, com bastante humor: “A identidade absoluta de meu eu com o eu de que falo é tão impossível quanto tentar suspender-se pelos próprios cabelos!” Isto não quer dizer que não se possa ouvir a voz do autor no texto; simplesmente ela não está no lugar em que se acredita que esteja. Ela não está naquilo que relata o locutor, por mais sincero que ele possa ser. O locutor é sempre um personagem, enquanto a voz do autor está em todo lugar e em nenhum lugar em particular. Mais precisamente, ela pode ser ouvida ali, no ponto crucial de encontro entre a forma e o conteúdo do texto. Quando se analisa um texto e se consegue identificar a relação necessária entre o que é dito e o como se diz, pode-se dizer que se encontrou a instância do autor. (Estou falando da voz do autor e não da pessoa do autor. Posso identificar a voz de um autor sem conhecer nada a respeito de sua pessoa.) A voz do autor concerne um lugar enunciativo e como tal ela é portadora de um olhar, de um ponto de vista que trabalha o texto do início ao fim.

Essa duplicidade ganha plenitude com a concepção de sujeito enquanto “espaço medido e demarcado de onde se enuncia” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 34). O discurso torna-se um espaço de construção e enunciação do sujeito, e a sintaxe o instrumento linguístico-actancial dessa construção.

Analisando o discurso enquanto elaboração do sujeito, e a sintaxe enquanto epifania do discurso, este trabalho busca mostrar a íntima relação entre essas duas instâncias operacionais da linguagem (e da sociabilidade) discutindo, inicial e brevemente a relação entre sintaxe e discurso a partir do conceito de simpatia, e em seguida analisando a unidade formada por eles tomando como objeto de estudo o pronunciamento da Presidenta Dilma Roussef na abertura da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU).

## 2 Simpatia, sintaxe e discurso

Foucault (2007), estudando a relação entre signos e referentes (ou, entre “as palavras e as coisas”), concebe o conceito de semelhança como a articulação fundamental da linguagem e o define a partir de quatro categorias:

Para ele, a suprema forma de semelhança é a simpatia:

A simpatia é uma instância do *Mesmo* tão forte e tão contumaz que não se contenta em ser uma das formas do semelhante; tem o perigoso poder de *assimilar*, de tornar as coisas idênticas umas às outras, de misturá-las, de fazê-las desaparecer em sua individualidade – de torná-las, pois, estranhas ao que eram. A simpatia transforma. Altera, mas na direção do idêntico, de sorte que, se seu poder não fosse contrabalançado, o mundo se reduziria a um ponto, a uma massa homogênea, à morna figura do *Mesmo*: todas as suas partes se sustentariam e se comunicariam entre si sem ruptura nem distância,



com elos de metal suspensos por simpatia à atração de um único ímã.  
(FOUCAULT, 2007, pp. 32-33)<sup>1</sup>

Esse processo simpático é o que dá unidade e inteligibilidade à linguagem, realizando-se de modo profundo em todos os seus níveis: na relação fundadora do signo entre significado e significante, na integração constitutiva da comunicação entre plano da expressão (sintaxe) e plano do conteúdo (semântica), na junção e imbricação entre linguagem, ideologia e história, que funda o discurso, etc..

Observando-se mais especificamente a existência da linguagem enquanto discurso, é imprescindível considerar não somente sua natureza linguístico-ideológica (que implica no estudo sócio-histórico dos sentidos e de suas formas de representação), mas também relacioná-lo à sua estrutura; esta, compreendida enquanto realização da língua-sistema que se organiza por meio de dispositivos gramaticais tanto gerativos (no sentido de uma organização lógica de enunciados), quanto normativos (no que diz respeito padrões de normalização - certo/errado, aceito/não aceito, prestigiado/não-prestigiado)<sup>2</sup> e pragmáticos (no que concerne à instrumentalização de esquemas lógicos e de padrões normativos conforme imposições contextuais, necessidades comunicacionais e motivações estilísticas). A relação entre sintaxe e discurso dá-se a partir da necessidade e da importância da ordem como elemento estruturante de qualquer formação discursiva:

Na Lingüística, as teorias da sintaxe são um modo de dar conta da organização da língua, embora na sintaxe se possa reconhecer um lugar de acesso à ordem da língua. E é só nesse sentido que a sintaxe pode interessar ao analista do discurso... (ORLANDI, 1993, p. 16)

Dá-se também em virtude de a sintaxe ser, consoante Marandim (1993 apud FERREIRA, 1994), que se baseia nas construções conceituais milnerianas, o “observatório do discurso”: “Trata-se, na verdade, de um lugar privilegiado de observação da linguagem e sua formalização funciona como instrumento para apreender justamente as ditas propriedades da língua, tornando-as visíveis” (FERREIRA, 1994, p. 120).

Enquanto para o estruturalismo, “A sintaxe seria então um registro, um modo particular de organização da língua a que o sujeito tem acesso e que permite a concretização da língua em fala”, ou seja, “um espaço de manifestação da individualidade na língua, já que está em relação direta com o sujeito, garantindo a possibilidade de subversão nesse lugar do sistêmico”, e para o gerativismo é “o centro da gramática, um núcleo duro e fechado que nada pode tocar e que define, no jogo entre o gramatical e o agramatical, o que é da gramática e o que está fora dela”, na Análise do Discurso (AD)

<sup>1</sup> Acerca da prevalência da simpatia sobre as demais formas de semelhança (conveniência, emulação e analogia): “A soberania do par simpatia - antipatia, o movimento e a dispersão que ele prescreve dão lugar a todas as formas da semelhança. Assim se encontram retomadas e explicadas as três primeiras similitudes. Todo o volume do mundo, todas as vizinhanças da conveniência, todos os ecos da emulação, todos os encadeamentos da analogia são suportados, mantidos e duplicados por esse espaço da simpatia e da antipatia que não cessa de aproximar as coisas e de mantê-las a distância. Através desse jogo, o mundo permanece idêntico; as semelhanças continuam a ser o que são e a se assemelham. O mesmo persiste o mesmo, trancafiado sobre si”(FOUCAULT, 2007, pp. 34-35).

<sup>2</sup> Aqui, compreende-se normativo não somente no sentido de regulação da norma culta, como das diversas normas que regem as variações linguísticas de nível social.



[...] a sintaxe foi ressignificada ao encontrar uma língua pronta a comportar o instável, o imprevisível, o novo, sem abrir mão de sua autonomia relativa. A língua na AD encontra a história e com ela vai produzir efeitos de sentido, o que permite que essa língua tenha na exterioridade um elemento constitutivo. Nesse território a língua é um espaço de instabilidade e contradição, um campo potencial de deslizamentos, um lugar de resistência em que o equívoco, longe de ser problema, é um fato estrutural. Não há mais isso ou aquilo, dentro ou fora da língua. Há isso e aquilo, dentro e fora na língua, que é atravessada pelo histórico e pelo social. Assim a sintaxe ganha ares de liberdade (não mais nos termos de uma individualidade, ao modo de Saussure, mas como base material de inscrição de um sujeito) e, entendida como lugar de acesso à ordem do discurso, permite o jogo na língua, permite pensar a regularidade numa estrutura furada que ao estabilizar prepara o espaço da subversão, sempre latente e agora tão bem vinda. E se não há discurso sem sujeito, como se defende em AD, é também a sintaxe no discurso um lugar privilegiado de acesso ao sujeito, que se mostra nas tramas de sua escritura, nesse tecido furado que tece para sob ele se esconder, sem perceber que a trama o desmascara, o denuncia, pode revelá-lo. Já dizia Pêcheux (1998) que os efeitos discursivos atravessam a sintaxe. Assim como a língua, talvez seja ela também dotada de um real que guarda o seu impossível, que estaria na ordem do agramatical de que queria livrar-se Chomsky e que parece ser o mais próprio da sintaxe: (des)estabilizar. A vocação da sintaxe não é ordenar, mas transgredir; é a possibilidade de constantes deslocamentos que a faz tão particular em cada uma das línguas, uma subversão de que o seu real é condição de possibilidade. Não mais autônoma, nem plana, a sintaxe discursiva deve ser referida não a um conjunto de regras que regem a relação do sujeito falante com a língua, mas a uma matriz de possibilidades de construção do discurso que, ao materializar-se, nos aproxima desse sujeito pela forma como seu dizer se organiza. É a discursividade que está em questão, o fazer discursivo que resulta de uma intrincada trama entre sujeito, língua e história, trama cujo acesso pode se dar pela sintaxe. (NARDI, 2005)

À sintaxe é necessário acrescentar o contexto, pois o funcionamento dos fenômenos linguísticos suprafrásicos não repousam apenas no linguístico, mas também no social e histórico (PÊCHEUX, 1997 apud SOUZA, 2008), como observa Koch (2000 apud MEIRA, 2008, pp. 52-53):

A Teoria da enunciação tem por postulado básico que não basta ao lingüista preocupado com questões de sentido descrever os enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua: é preciso levar em conta, simultaneamente, a enunciação – ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado, isto porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais,



objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito.

Dito de outro modo: “as palavras adquirem seu sentido em referência as posições ocupadas por aqueles que as empregam” (SOUZA, 2008, p. 11): elas fazem parte de um discurso, este compreendido como “um objeto histórico (ideológico) que se produz/elabora socialmente em/atraves de sua materialidade especifica, que é a língua” (RODRIGUEZ, 1993 apud FERREIRA, 1994, p. 32), ou, nas palavras de Albuquerque Jr. (2011, p. 34): “*dis-cursus* é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, *démarches*, intrigas e que os espaços são áreas reticulares, tramas, retramas, redes, desredes de imagens e falas tecidas nas relações sociais”. Dessa forma,

[...] o discurso deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é resposta direta ou indireta, ou do qual ele orquestra os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 1997, p. 77)

Dentre as modalidades de discurso, se sobressai o discurso político cuja característica básica é a legitimação pela simpatia, e que, consoante Citelli (2004, p. 85), é “uma das variabilidades discursivas em que a persuasão possui forte presença” e que “a maioria dos discursos traz consigo o elemento político, visto tratar-se de uma marca que regula, fortemente, as relações de linguagem – e da própria vida social – no que ela apresenta jogos de poder, estratégias de controle, instâncias de domínio ou libertação etc.”. É no caráter simpático, isto é, amistoso e integrador, que repousa o poder da persuasão, espaço comum tanto do político quando do discursivo.

O discurso político, para Courtine (2006 apud SOUZA, 2008, p. 5), se caracteriza como “um lugar de memória” e há nele “um sistema de conservação do arquivo, uma rede de difusão que permite fazer ressurgir os enunciados, tornando-os, uma vez mais, disponíveis, quando as necessidades de luta os reclamarem”, de modo que, enquanto uns “permanecem em vigília, dos quais podemos até perder a memória, e que, no entanto, não estão dissipados, podendo reaparecer, quando for necessário”, outros são “repetidos sem interrupção, que, de repente, desaparecem, sem praticamente deixar vestígios. Frequentemente, eles são os mesmos”. Para ele, há uma memória “pletórica” e lacunar que é

[...] um traço característico de todas as organizações concebidas sobre um modelo político. De acordo com Courtine (2006: 88), na política, “a memória é um poder: ela funda uma possibilidade de se exprimir, ela abre um direito à fala, ela possui, até mesmo, um valor performativo de proposição eficaz”. Nas organizações políticas, os enunciados são recobertos com o peso da tradição,



que os inscrevem numa série de sentidos e de razão, que ancora a volatilidade das palavras com o chumbo da lembrança.

Além da memória de uma organização, o discurso se pretende ainda depositário daquela de toda uma comunidade de fala; ele é seu patrimônio verbal, “a herança das lutas” conduzidas em seu nome, a recolha de um saber dos combates travados e da experiência adquirida. O discurso torna-se legítimo por falar em nome da história. Em qualquer tipo de organização política a história tanto política quanto cultural tem valor sublimar. A história é um fator essencial tanto da identidade coletiva quanto da individual. Ela é capaz de reunir um grupo social em torno de valores comuns, constituir uma força política e uma influência cultural consideráveis, ultrapassar o seu lugar de origem, consolidar identificações por todos os lados, promover sentimentos de pertencimento, assim como traçar demarcações e suscitar antagonismos. (SOUZA, 2008, p. 5)

Ora, “Se o discurso é um lugar de memória é porque ele traz o vestígio, inscrito nas suas formas, das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas” (COURTINE, 2006 apud SOUZA, 2008, p. 8), é, porque ele se revela a partir de sua sintaxe. E para analisar essa sintaxe discursiva, considerar-se-á os movimentos estratégicos propostos por Citelli (2004): movimentos estratégicos são estruturas dinâmicas que se misturam e se integram e que tendem à divulgação (trata-se da apresentação do sujeito e de seu contexto discursivo), à adesão (busca-se a cooptação da opinião dos interlocutores) e à justificativa/explicação (visa-se a manutenção ou continuação da adesão a partir da explicitação da motivação das ações e decisões).

Quanto aos elementos referenciais de análise linguística, Citelli (2004) afirma que um discurso persuasivo pode ter três objetivos primordiais: formar, reformar ou conformar a opinião dos destinatários em relação a determinadas estruturas ou propostas de poder. Esses objetivos determinam as direções em que irão se desdobrar os signos que compõe o discurso. Dito de outro modo, eles imprimem uma sintaxe específica ao discurso, em termos de ordem e de organização.

Do ponto de vista sintático se dará especial atenção à organização interfrásica (interoracional), que pode ser organizar de dois modos principais: subordinação e coordenação<sup>3</sup>. A despeito das discussões teóricas em torno desses termos, e da multiplicidade de classificações propostas<sup>4</sup>, entende-se coordenação como “a construção em que os termos se ordenam numa seqüência e não ficam conjugados num sintagma. Na coordenação, cada termo vale por si e a sua soma dá a significação global em que as significações dos termos constituintes entram ordenadamente lado a lado” (CAMARA JR., 2000 apud MEIRA, 2008, p. 47) e subordinação como “a construção sintática em que uma oração, determinante, e pois subordinada, se articula com outra, determinada por ela e

---

<sup>3</sup> O processo de justaposição é considerado subsidiariamente, e apenas como o modo de organização textual das seqüências de orações absolutas e orações complexas formadas por coordenação e/ou por subordinação que não guardam desempenham nenhuma função sintática entre si. Dito de outro modo, como um fenômeno supraoracional, mas não interoracional.

<sup>4</sup> A exemplo da divisão quadripartite de Rocha Lima (1969 apud MEIRA, 2008): coordenação, subordinação, correlação e justaposição.



principal em relação a ela” (CAMARA JR., 2000 apud MEIRA, 2008, p. 47). Adotam-se também as categorias estabelecidas pela Norma Gramatical Brasileira, apenas acrescentando-se os seguintes valores às orações subordinadas adverbiais, por absoluta necessidade de precisão descritiva: modal e locativa.

Os elementos caracterizadores do discurso, por sua vez, são, para Citelli (2004): i) atribuição de propriedades ao enunciador e à enunciação; ii) afirmação e valorização do *ethos*, e negação/desautorização do *antiethos*; iii) expansão do possível e comprometimento com sua realização; iv) autodesresponsabilização pela não efetivação do possível através superposição do impossível e da delegação de culpabilidades; v) apelatividade, emotividade; vi) recorrência aos pré-construídos; vii) glamourização da enunciação (a palavra como espetáculo); viii) caráter axial das ideologias.

### 3 As vozes da Dilma

Em setembro de 2011 foi realizada a 66ª AGNU, em Nova Iorque (EUA), na sede da Organização das Nações Unidas. O evento foi esperado e alardeado pela mídia porque seria palco de um acontecimento histórico inédito: uma mulher abriria a sessão, representando um momento importante da afirmação da mulher no mundo e da ampliação de suas conquistas no que diz respeito a direitos civis e a papéis sociais. Mas, se por um lado, o evento é simbólico, por outro é contraditório, porque o auditório imediato de Dilma ainda é inquestionavelmente masculino.

Dilma sobe à tribuna na condição de Chefe de um Estado que se define como democrático, plural e humanitário, um país emergente e ambicioso que tem se orgulhado de suas conquistas internas (melhoria das condições de vida de sua população, estabilização e crescimento de sua economia, consolidação das instituições democráticas, etc.) e externas (ampliação de sua importância política e econômica – em nível regional e global –, reconhecimento de sua capacidade de liderança e de negociação, valorização de sua diplomacia e de sua participação nas cúpulas internacionais, etc.) e que, por isso, tem chamado a atenção de praticamente todas as demais nações.

Assim, ela – ainda que retoricamente – representa o projeto de outro mundo possível, a partir da ótica das minorias, dos excluídos, isto é, as mulheres e os países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. O momento não poderia ser mais propício para Dilma apresentar seu discurso: o “consenso” (a *pax*) até hoje produzido, em nível global, pelos países desenvolvidos e pela sociedade falocrática está em frangalhos, sobretudo em razão das frequentes e cada vez mais profundas crises econômicas e ecológicas, com repercussões imediatas e dramáticas na vida política e social do mundo inteiro.

Dilma tinha consciência da posição de autoridade e de vanguarda que o momento lhe conferia, e procurou articular seu discurso de acordo com suas orientações ideológicas e com as expectativas do auditório (que, num sentido amplo, abarca todos os povos do mundo), prova disso é que, conforme notou Pichonelli (2011), fez 16 referências diretas ao gênero feminino, além de procurar sobrevalorizar o Brasil como referência internacional e mesmo como “professor” para as nações ricas.

O discurso enunciado por Dilma foi minuciosamente estruturado conforme os ensinamentos clássicos da retórica, utilizando todos os tipos de argumento: i) *ethos* – Dilma procura falar a partir da sua autoridade (“Como mulher que sofreu tortura no cárcere, sei como são importantes os valores da



democracia, da justiça, dos direitos humanos e da liberdade”) e da autoridade do país que dirige (“O Brasil está pronto a assumir suas responsabilidades como membro permanente do Conselho”); ii) *pathos* - procura comover o auditório (“Ou nos unimos todos e saímos, juntos, vencedores ou sairemos todos derrotados.”); e iii) *logos* - utiliza de sólidos argumentos para persuadir seus interlocutores (“Essa crise é séria demais para que seja administrada apenas por uns poucos países”).

Foi uma alocução longa (2301 palavras), densa e diversa, partindo de uma metalinguagem sobre o próprio ato da enunciação (“Pela primeira vez, na história das Nações Unidas, uma voz feminina...”) e discorrendo sobre

[...] os países ricos, que segundo ela querem encontrar sozinhos uma saída para a crise que eles mesmos inventaram; a China (que não foi citada), pelo desequilíbrio financeiro patrocinado pela guerra cambial; os ditadores árabes que reprimem manifestações populares em busca de democracia; Israel, este citado com todas as letras, por não compreender que apenas uma Palestina “livre e soberana” poderá estender a “estabilidade política em seu entorno”; e a própria cúpula das Nações Unidas, reivindicando novamente um assento no Conselho de Segurança do órgão. (PICHONELLI, 2011)

Em virtude disso, para a análise que aqui se busca empreender, faz-se necessário segmentar esse discurso em unidades estruturais conforme as características retórico-estilísticas e semântico-sintáticas do texto. Para que se evite uma maior problematização em torno dos critérios de divisão do discurso, adotar-se-á a proposta de Mota (2011), que considera a presença rítmica do vocativo “Senhor Presidente”, e encontra dez segmentos discursivos:

[...] poderia-se dizer que o primeiro segmento caracteriza-se pela modalização do sujeito principal do discurso; a saber, uma relação predicativa que incide sobre o “ser” do sujeito principal, ou, *grosso modo*, quem fala. O segundo segmento apresenta os argumentos que compõem, na visão do sujeito principal, a análise do cenário mundial atual. O terceiro segmento traz à tona o interesse de nações emergentes em participar das ações de recuperação econômica e em fornecer soluções à crise enfrentada pela economia mundial atual. Na sequência, o quarto segmento complementa as discussões do segmento anterior, mas traz o caso brasileiro como o exemplo de um país que enfrentou a crise e que está disposto a cooperar com os demais para superação daquela. Por sua vez, o quinto, o sexto, o oitavo e o nono segmentos manifestam certos “compromissos” da nação brasileira *com a paz e a liberdade, com uma melhor representatividade da nova ordem global, com as questões ambientais, com os direitos humanos*, respectivamente. Faz-se uma ressalva sobre o sétimo segmento, visto que, talvez, contivesse um dos temas mais esperados pelo público ouvinte, a fala do posicionamento brasileiro em relação ao reconhecimento da existência do Estado da Palestina. Assim, o décimo segmento encerra a fala oficial da Presidenta e reafirma o seu





compromisso com a voz e o lugar das mulheres no mundo. (MOTA, 2011, p. 1)

No primeiro segmento, há a proposição enunciativa do sujeito (a atribuição de propriedades ao enunciador e à enunciação), uma instância que busca dar unidade e coerência ao discurso, superando sua interdiscursividade e sua plurissubjetividade, como afirma Brandão (2004, p. 83):

[...] há uma heterogeneidade que é constitutiva do próprio discurso e que é produzida pela dispersão do sujeito. Essa heterogeneidade, entretanto, é trabalhada pelo locutor de tal forma que, impulsionado por uma “vocalização totalizante” faz com que o texto adquira, na forma de um concerto polifônico, uma unidade, uma coerência, quer harmonizando as diferentes vozes, quer “apagando” as vozes discordantes.

Esse sujeito não é apenas linguístico, mas histórico e ideológico:

[...] o sujeito do discurso, ao mostrar-se, inscreve-se num espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir de sua inscrição ideológica, de sua voz emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas linguísticas enunciadas. Porém, o social e o ideológico que possibilitam falar em discursos, assim como o discurso, têm existência na História. (SOUZA, 2008, p. 2)

Essa busca da unidade e da identidade é ainda mais visível no discurso político, porque ela vem acompanhada de uma aspiração à totalidade, como nota Charaudeau (2006 apud MOTA, 2011): “O político, em sua singularidade, fala para todos como portador de valores transcendentais: ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas o porta-voz de um Terceiro, enunciador de um ideal social”. Por isso, Dilma, para imprimir verdade e legitimidade ao seu discurso, procura agigantar-se e superar os limites de sua representatividade enquanto estadista – o que, por si só, já lhe conferia poder e notabilidade: “Divido esta emoção com mais da metade dos seres humanos deste Planeta, que, como eu, nasceram mulher, e que, com tenacidade, estão ocupando o lugar que merecem no mundo”. Essa identificação com valores transcendentais é ainda mais forte no último segmento, em que afirma: “Além do meu querido Brasil, sinto-me aqui também representando todas as mulheres do mundo”.

O motivo de ela estar ali, como oradora, porém, não remonta a um processo de conquista nem tem qualquer caráter honorífico, mas decorre de uma simples contingência histórica que se transformou em uma tradição: ela é a chefe de governo e de estado do país que se tornou o membro primaz das Nações Unidas, ao encabeçar as assinaturas da Carta de São Francisco, em 26 de junho de 1945, e por isso é o responsável por iniciar os trabalhos das AGNUs, desde a sua primeira edição, em 1947, quando o diplomata Oswaldo Aranha fez as vezes de orador. Esse não é, contudo, uma fonte dignificante de legitimação de um discurso, e por isso, Dilma irá apresentar-se como representante de valores e vozes nobres e universais: as mulheres, os pobres, os países emergentes, a ecologia, os direitos humanos, etc.



Significar o ato da enunciação é a primeira condição de instauração do discurso:

Essa “função vazia”, indiferentemente aos sujeitos enunciadores que vêm preenchê-la, é o lugar do sujeito “universal” próprio de uma formação discursiva determinada, a instância a partir da qual se pode enunciar um discurso já consolidado para todo o sujeito enunciador que venha se situar em um lugar determinado, inscrito naquela formação discursiva na ocasião da formulação. É o ponto em que se ancora a estabilidade referencial dos elementos de um saber, esse lugar, assim, é vazio apenas na aparência: ele é preenchido de fato pelo sujeito de saber próprio de uma formação discursiva dada e existe na identificação pela qual sujeitos enunciadores encontram aí os elementos de saber pré-construídos dos quais se apropriam como objetos de seus discursos, assim como as articulações entre esses elementos de saber que asseguram uma coerência intradiscursiva a seu propósito. (SOUZA, 2008, pp. 6-7)

Em virtude disso, a sintaxe desse segmento é marcada pelos modificadores nominativos, que se fazem presentes, sobretudo, nas orações subordinadas adjetivas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais: “É a voz da democracia e da igualdade (O. principal) / se ampliando nesta tribuna, (O. subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio) / que tem o compromisso (O. subordinada adjetiva restritiva) / de ser a mais representativa do mundo (O. subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo)”; “Divido esta emoção com mais da metade dos seres humanos deste Planeta, (O. principal) / que, como eu, nasceram mulher, (O. subordinada adjetiva explicativa) / e que, com tenacidade, estão ocupando o lugar (O. subordinada adjetiva explicativa) / que merecem no mundo (O. subordinada adjetiva restritiva)”. Esses enunciados têm um caráter adjetival (de caracterização) e apelativo, com forte carga afetiva.

Das dezesseis orações que compõem o segmento, sete funcionam como qualificativos, cuja função é explicitar características e valores de núcleos nominais que remontam à própria enunciadora (“seres humanos... como eu...”). Outras sete orações estão voltadas para o reforço das funções fática e metalingüística, por meio das quais o enunciador chama atenção para o próprio ato da enunciação, em suas dimensões sintática (realização) e semântica (significação), o que se justifica pelo fato de o segmento analisado ser o exordial, no qual, retoricamente, o orador deve chamar a atenção do auditório para a importância de seu discurso: “Pela primeira vez, na história das Nações Unidas, uma voz feminina inaugura o Debate Geral” (função fática); “Na língua portuguesa, palavras como vida, alma e esperança pertencem ao gênero feminino, e são também femininas duas outras palavras muito especiais para mim: coragem e sinceridade. Pois é com coragem e sinceridade que quero lhes falar no dia de hoje” (função metalingüística).

No segundo segmento, Dilma continua a elaboração de si enquanto sujeito, mas agora há a introdução de uma problemática: “Enfrentamos uma crise econômica que, se não debelada, pode se transformar em uma grave ruptura política e social”. O sujeito se apresenta como alguém que vem falar dos problemas de todos, como alguém cujo discurso interessa a todos ao mesmo tempo em que representa todos (“Essa crise é séria demais para que seja administrada apenas por uns poucos países”). Dilma, então, apresenta as credenciais de que está investida: “Nós, mulheres, sabemos – mais



que ninguém – que o desemprego não é apenas uma estatística. Golpeia as famílias, nossos filhos e nossos maridos. Tira a esperança e deixa a violência e a dor”.

A enunciadora traz à baila o seu saber, fonte de legitimidade do ato de dizer e fundamento daquilo que diz. Esse saber, porém, não é apresentado de qualquer modo, mas encontra seu lugar na estratégia discursiva: ele decorre da mesma imagem apresentada no primeiro segmento, isto é, a figura de mulher, que agora também se torna mãe e esposa. O auditório que reconheceu o primeiro argumento – o de que ela fala em nome de “metade dos seres humanos deste Planeta” – é compelido a também acolher o conhecimento e a autoridade que decorre da condição de “ser mulher”.

A afirmação desse saber é fundamental porque, de um lado, “Não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos” (CHARAUDEAU, 2006 apud MOTA, 2011), e, de outro, o fato de que

[...] a formação do ser social no capitalismo compreende três dimensões fundamentais, complementares e sobrepostas, que vão caracterizar, nas lutas sociais, o conteúdo básico das disputas pela educação. Cada uma das classes se mobiliza para fazer prevalecer o desenvolvimento de um determinado a) *ethos*, definidor do caráter, da disposição social; b) de um *modus*, requerente de uma ação, uma prática “ética”; e c) de um *sapere*, um “gosto”, uma adesão e assimilação voluntárias dos códigos e conhecimentos definidos como socialmente indispensáveis. (CÊA, 2003 apud CÊA; SANDRI: 2008, p. 90)

O *ethos*, por sua vez, fundamenta-se na ética e na ótica do excluído: Dilma é o arauto da mulher, do pobre, do emergente, do excluído; e por isso ela inicia o terceiro segmento já falando da importância do excluído como o “outro lugar”, a “outra possibilidade”: “É significativo que seja a presidenta de um país emergente – um país que vive praticamente um ambiente de pleno emprego – que venha falar, aqui, hoje, com cores tão vívidas, dessa tragédia que assola, em especial, os países desenvolvidos”.

Esse *ethos* demanda um novo *modus*, que se estabelece a partir da denúncia da ordem dominante – e do discurso dominante –, que é realizada no segundo segmento, e da proposição de uma nova ordem, que se concretiza no terceiro segmento. Dilma afirma que “Agora, menos importante é saber quais foram os causadores da situação que enfrentamos, até porque isto já está suficientemente claro”, dito de outro modo, há culpados, mas identificá-los não é o mais importante (agora).

É o momento da “afirmação e valorização do *ethos*, e negação/desautorização do antiethos”, e a divulgação de valores e princípios que preparam a apologia do projeto político-ideológico. A enunciadora trabalha, também, com pré-construídos: ela está falando dos agentes globais que constituem a cúpula política e detém o poder institucional nas Nações Unidas: “Não é por falta de recursos financeiros que os líderes dos países desenvolvidos ainda não encontraram uma solução para a crise. É – permitam-me dizer – por falta de recursos políticos e, algumas vezes, de clareza de ideias”. Explicita-se, então, a intencionalidade do discurso: trata-se de defender e promover reformas, de contestar a arquitetura do poder, e de desestruturar a ordem de exclusão e opressão.



No terceiro segmento, ela apresenta a necessidade de valorização dos países emergentes, sobretudo do Brasil (“Um novo tipo de cooperação, entre países emergentes e países desenvolvidos, é a oportunidade histórica para redefinir, de forma solidária e responsável, os compromissos que regem as relações internacionais”), tendo em vista que a crise econômica tem remodelado a geografia mundial, atingindo com mais força os mais ricos (“Como outros países emergentes, o Brasil tem sido, até agora, menos afetado pela crise mundial”). Aqui se inicia o processo retórico voltado especificamente à adesão do auditório. A enunciadora apresenta a sua receita para superação dos graves problemas econômicos mundiais: “As políticas fiscais e monetárias, por exemplo, devem ser objeto de avaliação mútua, de forma a impedir efeitos indesejáveis sobre os outros países, evitando reações defensivas que, por sua vez, levam a um círculo vicioso”.

O tom político dos dois segmentos determina o modo de organização das orações. No momento da denúncia (segundo segmento), Dilma lança mão de orações absolutas e de períodos constituídos expressivamente pela coordenação, que expressam, justamente, humildade e hesitação: as conexões horizontais entre as orações alinham-se a uma ordem mais afetiva do que lógica, o que é essencial na elaboração de um discurso que deve ser ousado, mas não presunçoso. Situação contrária ocorre no segmento três, em que justamente importava o discurso tem um caráter propositivo: há um número consideravelmente maior de orações subordinadas, sobretudo de orações substantivas, que desempenham precipuamente os papéis de elementos essenciais e integrantes da oração, constituindo-se de valores semânticos mais densos e relevantes para a oração; a estrutura interoracional constitui uma estrutura argumentativa mais complexa e concatenada. Acerca disso afirma Monteiro (2005, pp. 107-108):

O processo de combinação (relacionamento sintagmático) apresenta duas modalidades de realização. Pode operar-se num sistema de coordenação no qual as funções dos termos se nivelam, ou de subordinação em que as unidades se dispõem numa desigualdade funcional. As relações no nível da coordenação são paratáticas e constituem significantes de uma linguagem prevalentemente afetiva, mais apropriada para a transmissão de estados emocionais. Ao contrário, as construções no nível da subordinação dão hipotáticas e implicam necessariamente uma rigidez de raciocínio lógico, sendo significantes de linguagens especificamente informativas.

O quarto segmento, por seu turno, é um desenvolvimento do terceiro, e busca apresentar o Brasil como referência para as mudanças internacionais propostas: “O Brasil está fazendo a sua parte. [...] Estamos aptos a prestar também uma contribuição solidária, aos países irmãos do mundo em desenvolvimento, em matéria de segurança alimentar, tecnologia agrícola, geração de energia limpa e renovável e no combate à pobreza e à fome”. Trata-se de um esboço dos primeiros argumentos em favor da concessão do assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), que será abordado logo depois e que constituirá o viés ideológico de todo o discurso. Inobstante, esse segmento apresenta algumas particularidades em relação ao anterior: “a Presidente vai modalizar a sua fala a partir de elementos verbais: far-se-á o uso de verbos no presente do indicativo (1), no presente contínuo (2) e no pretérito perfeito composto do indicativo (3), demonstrando as situações presentes e contínuas por que passa o país” (MOTA, 2011), a exemplo dos trechos a seguir: “Com sacrifício,



mas com discernimento, mantemos os gastos do governo sob rigoroso controle, a ponto de gerar vultoso superávit nas contas públicas – sem que isso comprometa o êxito das políticas sociais, nem nosso ritmo de investimento e de crescimento” (1); “Estamos tomando precauções adicionais para reforçar nossa capacidade de resistência à crise, fortalecendo nosso mercado interno com políticas de distribuição de renda e inovação tecnológica” (2); “Temos insistido na interrelação entre desenvolvimento, paz e segurança; e em que as políticas de desenvolvimento sejam, cada vez mais, associadas às estratégias do Conselho de Segurança na busca por uma paz sustentável” (3).

Assim,

[...] as marcas de flexão que o sujeito emprega (terceira pessoa do singular – *Brasil* ou primeira pessoa do plural – *Nós*) sugerem [...] que não somente ele é competente em seu fazer, mas que faz parte de um processo em curso, que se iniciou no passado, a partir dos dois mandatos do Presidente Lula (“*Há pelo menos três anos, Senhor Presidente, o Brasil repete...*”), percorre o presente e se projeta para o futuro. (MOTA, 2011)

Os segmentos do quinto ao nono constituem a pauta específica do pronunciamento da Presidenta. Até então ela havia se concentrado em uma argumentação geral e preambular, propondo-se como sujeito do discurso, elaborando e analisando o contexto enunciativo e apresentando seus pressupostos político-ideológicos, que partem da libertação do excluído e do reconhecimento da referência brasileira na governança global. Trata-se da “expansão do possível e comprometimento com sua realização”.

Do ponto de vista sintático, há poucas mudanças entre elas: a conexão interoracional dá-se através dos diversos tipos de subordinação e coordenação, com relevante predomínio do processo subordinativo, o que se justifica pela própria natureza do texto, que é argumentativo. Há, também, uma ênfase na justaposição: o discurso torna-se uma sucessão de afirmações categóricas (quase todos os verbos estão no presente do indicativo) e de orações absolutas, ou de orações complexas que têm uma extensão e um grau de encadeamento bastante reduzido. As principais particularidades dos segmentos são as seguintes: i) o quinto segmento possui um número de orações complexas com um elevando grau de encaixamento; ii) o sétimo segmento é constituído de orações ainda mais curtas e taxativas; iii) o oitavo segmento possui alguns verbos no futuro em virtude de estarem sendo abordados eventos posteriores; iv) o nono segmento apresenta um grande número de verbos no pretérito perfeito, ao narrar os avanços históricos do Brasil. Essas características sintáticas, mais uma vez, refletem o *animus discursivus* dos segmentos:

O quinto segmento é intermediário entre a secção de intenções principiológicas (segmentos de um a quatro) e a lista de compromissos concretos assumidos pelo Brasil e cobrados das demais nações. Por isso, trata do compromisso com a paz e a liberdade, dois eixos transversais da sociedade moderna e global. Dilma aborda o reconhecimento e a busca de valores universais (“Os brasileiros se solidarizam com a busca de um ideal que não pertence a nenhuma cultura, porque é universal: a liberdade”), “propõe uma reflexão teórica sobre a ‘responsabilidade de proteger’ e a ‘responsabilidade ao proteger’. Nesse ponto, solicita que a resposta à formulação de tais conceitos deva ser amadurecida conjuntamente” (MOTA, 2011) e mais uma vez aborda a necessidade de reformar o CSNU, porque



“a atuação do Conselho de Segurança é essencial, e ela será tão mais acertada quanto mais legítimas forem suas decisões, e a legitimidade do próprio Conselho depende, cada dia mais, de sua reforma”.

O sexto segmento traz à baila o compromisso com uma melhor representatividade da nova ordem global através de uma reconfiguração dos assentos no CSNU:

Para falar de tema tão delicado [...] a Presidenta faz uso de um argumento de autoridade, quando diz: “O *ex-presidente Joseph Deiss recordou-me um fato impressionante: o debate em torno da reforma do Conselho já entra em seu 18º ano. Não é possível protelar mais.*” Nesse sentido, a fala do ex-presidente da 65ª AGNU confere ao sujeito principal do discurso em questão a credibilidade necessária, que parte de dentro do próprio organismo criticado (ONU), de que é urgente uma reformulação de suas estruturas. (MOTA, 2011)

Essa meta central da diplomacia brasileira é apresentada como sendo um anseio da própria comunidade internacional: as Nações querem, e o Brasil possui todas as credenciais necessárias e suficientes para assumir uma cátedra permanente no CSNU – “O mundo precisa de um Conselho de Segurança que venha a refletir a realidade contemporânea, [...]. O Brasil está pronto a assumir suas responsabilidades como membro permanente do Conselho”. Em seguida, mostra as habilitações do Brasil: “Temos promovido com eles bem-sucedidos processos de integração e de cooperação. [...] Tenho orgulho de dizer que o Brasil é um vetor de paz, estabilidade e prosperidade em sua região, e até mesmo fora dela”.

Ao tratar da “questão Palestina”, no sétimo segmento, Dilma retrata-a como uma ruptura na linearidade argumentativa que até então domina seu discurso: a não aceitação da Palestina não condiz com os princípios e valores que devem nortear a governabilidade mundial, por isso a presença significativa da oração adversativa “Mas lamento ainda não poder saudar, desta tribuna, o ingresso pleno da Palestina na Organização das Nações Unidas”, que aparece não somente em oposição à oração anterior, em que saúda o Sudão do Sul e com ele se solidariza, mas em oposição a toda a pauta político-ideológica que apresentou até então. Mais uma vez o Brasil é apresentado como um exemplo a ser seguido: “Venho de um país onde descendentes de árabes e judeus são compatriotas e convivem em harmonia, como deve ser”.

Os dois últimos segmentos tratam de temas que são recorrentes na agenda diplomática brasileira, e são citados mais com intenção panfletária, constituindo uma menção meramente ideológica que visa à promoção da imagem do Brasil como nação-líder e exemplar, do que para como pontapé para uma discussão efetiva durante a AGNU. Dilma procura mostrar que o país com as maiores riquezas ambientais do mundo é também radicalmente comprometido com as questões ecológicas e lança mão de um “histórico recente das negociações sobre questões ambientais, nas quais a participação brasileira foi singular” (MOTA, 2011): “O Brasil defende um acordo global, abrangente e ambicioso para combater a mudança do clima no marco das Nações Unidas. [...] Apresentamos uma proposta concreta, voluntária e significativa de redução [de emissões], durante a Cúpula de Copenhague, em 2009”.

O nono segmento inicia-se com uma significativa mudança no vocativo: “*Senhor Presidente e Minhas companheiras mulheres de todo mundo*”. Essa alteração decorre da própria temática que é trabalhada: o compromisso com os direitos humanos. Novamente Dilma precisa evocar referências



que superam a sua condição de mandatária de uma nação, e procura tornar-se porta-voz da humanidade inteira: a imagem do Brasil é associada à imagem do cuidado e da amorosidade que estão arquetipicamente ligados ao feminino:

O Brasil descobriu que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza, e que uma verdadeira política de direitos humanos tem por base a diminuição da desigualdade e da discriminação entre as pessoas, entre as regiões e entre os gêneros.

[...] No meu país, a mulher tem sido fundamental na superação das desigualdades sociais. Nossos programas de distribuição de renda têm, nas mães, a figura central. São elas que cuidam dos recursos que permitem às famílias investir na saúde e na educação de seus filhos.

Conclui situando o país num movimento mundial de democratização, o que envolve a superação do desrespeito aos direitos humanos e a valorização dos excluídos: “Ao falar disso, cumprimento o secretário-geral Ban Ki-moon pela prioridade que tem conferido às mulheres em sua gestão à frente das Nações Unidas. Saúdo, em especial, a criação da ONU Mulher e sua diretora-executiva, Michelle Bachelet”.

No último segmento, a enunciadora encerra o discurso e reafirma o compromisso com as mulheres e, através delas, com as causas sociais. Do ponto de vista sintático, há uma grande proximidade com o primeiro e o segundo segmento, justamente refletindo esse processo de ratificação e reforço. Ela recorre novamente a uma identificação com as mulheres, apresenta-se como alguém que sentiu na pele a dor e o sofrimento da opressão, como nota Mota (2011):

Ressalte-se que o uso de um elemento anafórico (a repetição do pronome demonstrativo *Aquelas*) confere ao texto tom expressivo e poético, trazendo à voz do sujeito enunciadador todas as vozes polifônicas às quais fez menção no primeiro segmento. Como afirma Charaudeau (2006),

*Ele estabelece uma espécie de pacto de aliança entre estes três tipos de voz – a voz do Terceiro, a voz do Eu, a voz do Tu-todos – que terminam por se fundir em um corpo social abstrato, freqüentemente expresso por um Nós que desempenha o papel de guia.* (p. 80)

Equiparam-se tanto os processos coordenativos quanto os subordinativos. Na coordenação, sobressai o valor aditivo, e na subordinação, o valor adjetivo. Esses valores decorrem do próprio conteúdo do segmento: uma enumeração de situações que qualificam tanto as mulheres por ela representadas, quanto à própria Presidenta e sua história de vida. Ela conclui, então, retomando uma das categorias femininas enunciadas no primeiro segmento: “*E é com a esperança de que estes valores continuem inspirando o trabalho desta Casa das Nações que tenho a honra de iniciar o Debate Geral da 66ª (sexagésima sexta) Assembléia Geral da ONU*”. Esse último parágrafo constitui um clímax da emotividade expressiva e da glamourização sintática e semântica da palavra, que recorta todo o discurso.



#### 4 Considerações finais

Embora a relação entre sintaxe e discurso seja intrínseca às duas instâncias, é necessário reconhecer que, no caso do discurso político e de outros “discursos planejados”, como o publicitário, ela não é gerenciada de modo inconsciente ou inocente, muito pelo contrário.

Ao se verificar a ressonância das formações discursivas e ideológicas nas estruturas sintáticas dos enunciados, está-se mostrando como a intencionalidade – muito mais do que o estilo – molda a linguagem para atender às necessidades de representação, expressão e significação.

A própria Dilma revela que seu discurso, inclusive seu léxico, é fruto de um cuidadoso arranjo linguístico, quando escolhe palavras femininas para caracterizar as motivações que a animam no ato enunciativo e faz questão de explicitá-lo ao auditório.

Essas constatações, embora não sejam definitivas, revelam que a influência do discurso sobre a sintaxe (e vice-versa) dá-se a partir de dois processos básicos: seleção e combinação. O ato de produzir um discurso, mostra-se, então, essencialmente, como o ato de produzir uma sintaxe discursiva, de escolher e integrar, através da ordem, uma pluralidade de signos com funções estruturantes na articulação entre linguagem, ideologia e história.

#### Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 7-19, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/M116/14396.pdf>>. Acesso em: 27 de maio 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2004.

CARONE, Flávia de Barros. **Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Morfossintaxe**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2001.

CÊA, Georgia Sobreira dos Santos; SANDRI, Simone. Formação geral e mundo do trabalho: horizontes em disputa. **Currículo sem fronteiras**, [s.l.], v. 8, n. 1, jan/jun de 2008. Disponível em: <[http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/cea\\_sandri.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/cea_sandri.pdf)>. Acesso em: 27 de set. 2008.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2004.





FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambigüidade ao equívoco.** 2004. 162p. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** Trad. de Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MEIRA, Ana Clara Gonçalves Alves de. As orações e as relações de interdependência. **ÍCONE - Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 43-54, jul. 2008. Disponível em: <[http://www.discursos.ufrgs.br/article.php?id\\_article=17](http://www.discursos.ufrgs.br/article.php?id_article=17)>. Acesso em: 10 nov. 2011.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário.** Petrópolis: Vozes, 2005.

MOTA, Rodrigo dos Santos. **Um discurso verde e amarelo: análise do discurso da Presidenta Dilma na 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas.** 2011. Disponível em: <<http://mundorama.net/2011/09/28/um-discurso-verde-e-amarelo-analise-do-discurso-da-presidenta-dilma-na-66%C2%AA-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-por-rodrigo-dos-santos-mota/>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

NARDI, Fabiele Stockmans De. **Nas malhas da sintaxe, um espelho para o sujeito.** 2005. Disponível em: <[http://www.discursos.ufrgs.br/article.php?id\\_article=17](http://www.discursos.ufrgs.br/article.php?id_article=17)>. Acesso em: 10 nov. 2011.

PICHONELLI, Matheus. **Dilma na ONU: endureceu, mas sem perder a ternura.** 22 set. 2011. Disponível em: <<http://abraabocacidade.blogspot.com/2011/09/dilma-na-onu-endureceu-mas-sem-perder.html>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

ROUSSEF, Dilma. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas - Nova York/EUA.** Nova Iorque, set. 2011. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-66a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SOUZA, Marilena Inácio de. Do sujeito da sintaxe ao sujeito do discurso: uma aplicação didática. In: SEMINÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO, 3, 2008. **Anais.** Itabuna: UESC, 2008. Disponível em: <<http://www.uesc.br/eventos/selipeanais/anais/marilenainacio.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Anexo



A análise sintática apresentada abaixo tem como parâmetros as argumentações de Carone (2000; 2001), que considera a conexão de orações na constituição de períodos como um conjunto complexo de relações de coordenação e de subordinação, não apenas de orações individual e biunivocamente consideradas, mas também de relações plurívocas e consorciais. O mais apropriado, portanto, seria representar os períodos em estruturas de organogramas, mas em virtude do espaço que elas demandam, não é o mais viável, aqui.

Na identificação dos períodos, serão consideradas as construções lógico-argumentativa e discursivo-retórica do texto. Dessa forma, um período equivalerá a uma oração absoluta, uma coordenação oracional ou uma estrutura subordinativa unitária. Antes de o período ser dividido em orações, ele será desmembrado em Segmentos, sendo um segmento equivalente à seção do Período que não possui relação de subordinação com qualquer oração externa – um segmento será, portanto, uma estrutura subordinativa completa (oração principal e orações subordinadas) ou uma oração simples.

Na análise sintática, adotar-se-ão os seguintes símbolos: asterisco (\*) para representar a ordem do segmento na composição do período (1º, 2º, etc.); chaves ({}), para assinalar uma expressão suprimível; colchetes ([]) para indicar uma supressão (...), uma oração deslocada ou um acréscimo (nesse caso, a expressão acrescentada estará em itálico); letras minúsculas sobrescritas para caracterizar uma subdivisão intraoracional. Períodos são representados por letras maiúsculas acompanhadas de números arábicos, e orações, por números arábicos entre colchetes.

Per.	Seg.	Or.	Frase	Classificação
§ 1º				
A1	A1*	(1)	Senhor presidente da Assembleia-Geral, Nassir Abdulaziz Al-Nasser, senhor secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo, senhoras e senhores, pela primeira vez, na história das Nações Unidas, uma voz feminina inaugura o Debate Geral.	Oração absoluta
B1	B1*	(2)	É a voz da democracia e da igualdade	Oração principal do B1
		(3)	se ampliando nesta tribuna	Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio à (2) e oração coordenada assindética à (4)
		(4)	que tem o compromisso	Oração subordinada adjetiva restritiva à (2) e oração coordenada assindética à (3)
		(5)	de ser a mais representativa do mundo.	Oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de



				infinitivo à (4)
C1	C1*	(6)	É com humildade pessoal, [...], que vivo este momento histórico.	Oração principal do C1
		(7)	[mas com justificado orgulho de mulher]	Oração subordinada adverbial modal à (6)
D1	D1*	(8)	Divido esta emoção com mais da metade dos seres humanos deste planeta,	Oração coordenada à (12) e oração principal do D1*
		(9)	que, como eu, nasceram mulher,	Oração subordinada adjetiva explicativa à (8) e oração coordenada assindética à (10)
		(10)	e que, com tenacidade, estão ocupando o lugar	Oração subordinada adjetiva explicativa à (8) e oração coordenada sindética aditiva à (9)
		(11)	que merecem no mundo.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (10)
	D1**	(12)	[E] Tenho certeza, senhoras e senhores,	Oração coordenada assindética à (8) e oração principal do D1**
		(13)	de que este será o século das mulheres.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (12)
E1	E1*	(14)	Na língua portuguesa, palavras como "vida", "alma" e "esperança" pertencem ao gênero feminino,	Oração principal do E1*
		(15)	e são também femininas duas outras palavras muito especiais para mim: "coragem" e "sinceridade".	Oração coordenada sindética aditiva à (14)
	E1**	(16)	Pois é com coragem e sinceridade que quero lhes falar no dia de hoje.	Oração coordenada sindética explicativa à (15)
<b>§ 2º</b>				
F1	F1*	(17)	Senhor presidente, o mundo vive um momento extremamente delicado e, ao mesmo tempo, uma grande oportunidade histórica.	Oração absoluta
G1	G1*	(18 <sup>a</sup> )	Enfrentamos	Oração principal do G1 (sintagma verbal)
		(18 <sup>b</sup> )	uma crise econômica	Sintagma nominal da Oração principal, com valor de oração coordenada assindética à (21)



		(19)	que, [...], pode se transformar em uma grave ruptura política e social.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (18 <sup>b</sup> )
		(20)	[se não debelada]	Oração subordinada adverbial condicional reduzida de particípio à (19)
		(21)	Uma ruptura sem precedentes, capaz de provocar sérios desequilíbrios na convivência entre as pessoas e as nações.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (18 <sup>a</sup> ) e oração coordenada assindética à (18 <sup>b</sup> )
H1	H1*	(22)	Mais [do] que nunca, o destino do mundo está nas mãos de todos os seus governantes, sem exceção.	Oração absoluta
I1	I1*	(23)	Ou nos unimos todos	Oração coordenada sindética alternativa à (25) e oração coordenada assindética à (24)
	I1**	(24)	e saímos, juntos, vencedores	Oração coordenada sindética aditiva à (23)
	I1***	(25)	ou sairemos todos derrotados.	Oração coordenada sindética alternativa à (23)
J1	J1*	(26)	Agora, menos importante é saber	Oração coordenada assindética à (30) e oração principal do J1*
		(27)	quais foram os causadores da situação	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (27)
		(28)	que enfrentamos,	Oração adjetiva restritiva à (27)
		(29)	até porque isto já está suficientemente claro.	Oração coordenada explicativa à (26)
	J1**	(30)	[Mas,] Importa, sim,	Oração coordenada assindética à (26) e oração principal do J1**
		(31)	encontrarmos soluções coletivas, rápidas e verdadeiras.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (30)
K1	K1*	(32)	Essa crise é séria demais	Oração coordenada assindética à (34) e oração principal do K1*
		(33)	para que seja administrada apenas por uns poucos países.	Oração subordinada adverbial final à (32)



	K1**	(34)	[Porque] Seus governos e bancos centrais continuam com a responsabilidade maior na condução do processo,	Oração coordenada assindética à (32) e à (35)
	K1***	(35)	mas [...], todos têm o direito de participar das soluções.	Oração coordenada sindética adversativa à (34)
		(36)	[como todos os países sofrem as consequências da crise]	Oração subordinada adverbial causal à (35)
L1	L1*	(37)	Não é por falta de recursos financeiros que os líderes dos países desenvolvidos ainda não encontraram uma solução para a crise.	Oração coordenada assindética à (38)
	L1**	(38)	[Mas] É, [...], por falta de recursos políticos e algumas vezes, por clareza de ideias.	Oração coordenada assindética à (37) e oração principal do L1**
		(41)	[permitam-me dizer]	Oração intercalada
M1	M1*	(39)	Uma parte do mundo não encontrou ainda o equilíbrio entre ajustes fiscais apropriados e estímulos fiscais corretos e precisos para a demanda e o crescimento.	Oração coordenada assindética à (44)
	M1**	(40)	[Porque] Ficam presos na armadilha	Oração coordenada assindética à (39) e oração principal do M1**
		(41)	que não separa interesses partidários daqueles interesses legítimos da sociedade.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (40)
N1	N1*	(42)	O desafio [...] é substituir teorias defasadas, de um mundo velho, por novas formulações para um mundo novo.	Oração principal
		(43)	[colocado pela crise]	Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de participio à (42)
O1	O1*	(44)	Enquanto muitos governos se encolhem,	Oração subordinada adverbial temporal à (45)
		(45)	a face mais amarga da crise - a do desemprego - se amplia.	Oração coordenada assindética à (46) e à (48) e oração principal do O1*
	O1**	(46)	[De modo que] Já temos 205 milhões de desempregados no mundo. 44 milhões na Europa. 14 milhões nos Estados Unidos.	Oração coordenada assindética à (44) e à (48)
	O1***	(47)	[Por isso,] É vital	Oração coordenada assindética à (44) e à (46) e oração principal do O1***
		(48)	combater essa praga	Oração subordinada substantiva subjetiva à (48) e oração coordenada



				assindética à (50)
		(49)	e impedir	Oração subordinada substantiva subjetiva à (47) e oração coordenada sindética aditiva à (48)
		(50)	que se alastre para outras regiões do planeta.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (49)
P1	P1*	(51)	Nós, mulheres, sabemos, mais que ninguém,	Oração coordenada à (53), à (54) e à (55) e oração do principal do P1*
		(52)	que o desemprego não é apenas uma estatística.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (51)
	P1**	(53)	[Porque ele] Golpeia as famílias, nossos filhos e nossos maridos.	Oração coordenada assindética à(51), à (54) e à (55)
	P1***	(54)	Tira a esperança	Oração coordenada assindética à(51), à (53) e à (55)
	P1****	(55)	e deixa a violência e a dor.	Oração coordenada assindética à (51) e oração coordenada sindética aditiva à (53) e à (54)
§ 3º				
Q1	Q1*	(56)	Senhor presidente, é significativo	Oração principal do Q1
		(57)	que seja a presidenta de um país emergente, um país	Oração subordinada substantiva subjetiva à (56)
		(58)	que vive praticamente um ambiente de pleno emprego,	Oração subordinada adjetiva restritiva à (57) e oração coordenada assindética à (59) e a (60)
		(59)	que venha falar, aqui, hoje, com cores tão vívidas, dessa tragédia	Oração subordinada adjetiva restritiva à (57) e oração coordenada assindética à (58) e a (60)
		(60)	que assola, em especial, os países mais desenvolvidos.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (59) e oração coordenada assindética à (58) e a (59)
R1	R1*	(61)	Como outros países emergentes, o Brasil tem sido, até agora,	Oração coordenada assindética à (63) e oração principal do R1*



		(62)	menos afetado pela crise mundial.	Oração subordinada substantiva predicativa reduzida de participio à (61)
	R1**	(63)	Mas sabemos	Oração coordenada sindética adversativa à (61), à (65) e à (66) e oração principal do R1**
		(64)	que nossa capacidade de resistência não é ilimitada.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (63)
	R1***	(65)	[Por isso,] Queremos - [...] - ajudar, enquanto há tempo, os países	Oração coordenada assindética à (63) e à (66) e oração co-principal do R1***
		(66)	[e podemos]	Oração coordenada assindética à (63) e oração coordenada sindética aditiva à (65) e oração co-principal do R1***
		(67)	onde a crise já é aguda.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (65)
S1	S1	(68)	Um novo tipo de cooperação, entre países emergentes e países desenvolvidos, é a oportunidade histórica	Oração principal do S1
		(69)	para redefinir, de forma solidária e responsável, os compromissos	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (68)
		(70)	que regem as relações internacionais.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (69)
T1	T1*	(71)	O mundo se defronta com uma crise	Oração principal do T1
		(72)	que é ao mesmo tempo econômica, de governança e de coordenação política.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (71)
U1	U1*	(73)	Não haverá a retomada da confiança e do crescimento	Oração coordenada assindética à (75) e oração principal do U1*
		(74)	enquanto não se intensificarem os esforços de coordenação entre os países integrantes da ONU e as demais instituições multilaterais, como o G-20, o Fundo Monetário, o Banco Mundial e outros organismos.	Oração subordinada adverbial temporal à (73)
	U1**	(75)	A ONU e essas organizações precisam	Oração coordenada



			emitir, com a máxima urgência, sinais claros de coesão política e de coordenação macroeconômica.	assindética à (73)
V1	V1*	(76)	As políticas fiscais e monetárias, por exemplo, devem ser objeto de avaliação mútua,	Oração principal do V1
		(77)	de forma a impedir efeitos indesejáveis sobre os outros países,	Oração subordinada adverbial modal reduzida de infinitivo à (76) e oração coordenada assindética à (78)
		(78)	evitando reações defensivas	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (76) e oração coordenada assindética à (77)
		(79)	que, por sua vez, levam a um círculo vicioso.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (78)
W1	W1*	(80)	Já a solução do problema da dívida deve ser combinada com o crescimento econômico.	Oração coordenada assindética à (81)
	W1**	(81)	[Porque] Há sinais evidentes	Oração coordenada assindética à (80) e oração principal do W1*
		(82)	de que várias economias avançadas se encontram no limiar da recessão,	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (81)
		(83)	o que dificultará, sobremaneira, a resolução dos problemas fiscais.	Oração subordinada adjetiva explicativa à (82)
X1	X1*	(84)	Está claro	Oração coordenada assindética à (88) e à (90) e oração principal do X1*
		(85)	que a prioridade da economia mundial, neste momento, deve ser	Oração subordinada substantiva subjetiva à (84)
		(86)	solucionar o problema dos países em crise de dívida soberana	Oração subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo à (85)
	(87)	e reverter o presente quadro recessivo.	Oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo à (85) e oração coordenada sindética aditiva à (86)	
	X1**	(88)	[Por isso,] Os países mais desenvolvidos	Oração coordenada





			precisam praticar políticas coordenadas de estímulo às economias	assindética à (84) e à (90) e oração principal do X1**	
		(89)	extremamente debilitadas pela crise.	Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio à (88)	
	X1***	(90)	[E] Os países emergentes podem ajudar.	Oração coordenada assindética à (84) e à (88)	
Y1	Y1*	(91)	Países altamente superavitários devem estimular seus mercados internos e, quando for o caso, flexibilizar suas políticas cambiais,	Oração principal do Y1	
		(92)	de maneira a cooperar para o reequilíbrio da demanda global.	Oração subordinada adverbial moral reduzida de infinitivo à (91)	
Z1	Z1*	(93)	Urge	Oração coordenada assindética à (96) e à (98) e oração principal do Z1*	
		(94)	aprofundar a regulamentação do sistema financeiro	Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo à (93) e oração coordenada assindética à (95)	
		(95)	e controlar essa fonte inesgotável de instabilidade.	Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo à (93) e oração coordenada sindética aditiva à (95)	
	Z1**	(96)	[Assim,] É preciso	Oração coordenada assindética à (93) e à (98) e oração principal do Z1**	
		(97)	impor controles à guerra cambial, com a adoção de regimes de câmbio flutuante.	Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo à (96)	
	Z1***	(98)	[Ou seja,] Trata-se, senhoras e senhores,	Oração coordenada assindética à (93) e à (96) e oração principal do Z1***	
		(99)	de impedir a manipulação do câmbio tanto por políticas monetárias excessivamente expansionistas como pelo artifício do câmbio fixo.	Oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo à (98)	
	A2	A2*	(100)	A reforma das instituições financeiras multilaterais deve, sem sombra de dúvida,	Oração principal do A2



			prosseguir,	
		(101)	aumentando a participação dos países emergentes, principais responsáveis pelo crescimento da economia mundial.	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (100)
B2	B2*	(102)	O protecionismo e todas as formas de manipulação comercial devem ser combatidos,	Oração coordenada assindética à (103)
	B2**	(103)	pois conferem maior competitividade de maneira espúria e fraudulenta.	Oração coordenada sindética explicativa à (102)
<b>§ 4º</b>				
C2	C2*	(104)	Senhor presidente, o Brasil está fazendo a sua parte.	Oração absoluta
D2	D2*	(105)	Com sacrifício, mas com discernimento, mantemos os gastos do governo sob rigoroso controle,	Oração principal do D2
		(106)	a ponto de gerar vultoso superávit nas contas públicas,	Oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de infinitivo à (105)
		(107)	sem que isso comprometa o êxito das políticas sociais, nem nosso ritmo de investimento e de crescimento.	Oração subordinada adverbial concessiva à (105)
E2	E2*	(108)	Estamos tomando precauções adicionais	Oração principal do E2
		(109)	para reforçar nossa capacidade de resistência à crise,	Oração subordinada adverbial final à (108)
		(110)	fortalecendo nosso mercado interno com políticas de distribuição de renda e inovação tecnológica.	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (109)
F2	F2*	(111)	Há pelo menos três anos, senhor presidente, o Brasil repete, nesta tribuna,	Oração principal do F2
		(112)	que é preciso	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (111)
		(113)	combater as causas, e não só as consequências da instabilidade global.	Oração subordinada substantiva subjetiva à (112)
G2	G2*	(114)	Temos insistido na interrelação entre desenvolvimento, paz e segurança;	Oração principal do G2
		(115)	e que as políticas de desenvolvimento sejam, cada vez mais, associadas às estratégias do Conselho de Segurança na busca por uma paz sustentável.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (114)



H2	H2*	(116)	É assim que agimos em nosso compromisso com o Haiti e com a Guiné-Bissau.	Oração absoluta <sup>5</sup>
I2	I2*	(117)	Na liderança da Minustah, temos promovido, desde 2004, no Haiti, projetos humanitários,	Oração principal do I2
		(118)	que integram segurança e desenvolvimento.	Oração subordinada adjetiva explicativa à (117)
J2	J2*	(119)	Com profundo respeito à soberania haitiana, o Brasil tem o orgulho	Oração principal do J2
		(120)	de cooperar para a consolidação da democracia naquele país.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (119)
K2	K2*	(121)	Estamos aptos	Oração principal do K2
		(122)	a prestar também uma contribuição solidária, aos países irmãos do mundo em desenvolvimento, em matéria de segurança alimentar, tecnologia agrícola, geração de energia limpa e renovável e no combate à pobreza e à fome.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (121)
§ 5º				
L2	L2*	(123)	Senhor presidente, desde o final de 2010, assistimos a uma sucessão de manifestações populares	Oração principal do L2
		(124)	que se convencionou denominar "primavera árabe".	Oração subordinada adjetiva restritiva à (123)
M2	M2*	(125)	O Brasil é pátria de adoção de muitos imigrantes daquela parte do mundo.	Oração coordenada assindética à (126)
	M2**	(126)	[Por isso,] Os brasileiros se solidarizam com a busca de um ideal	Oração coordenada assindética à (125) e oração principal do M2**
		(127)	que não pertence a nenhuma cultura,	Oração subordinada adjetiva restritiva à (126) e oração coordenada assindética à (128)
M2***	(128)	porque é universal: a liberdade.	Oração coordenada sindética explicativa à (127)	
N2	N2*	(129)	É preciso	Oração coordenada assindética à (134) e oração principal do N2*
		(130)	que as nações aqui reunidas encontrem	Oração subordinada

<sup>5</sup> O verbo "ser" tem, aqui, um sentido expletivo e não possui valor de verbo: "É assim que agimos" = "Assim agimos".



			uma forma legítima e eficaz	substantiva objetiva direta à (129)	
		(131)	de ajudar as sociedades	Oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo à (130)	
		(132)	que clamam por reforma,	Oração subordinada adjetiva restritiva à (131)	
		(133)	sem retirar de seus cidadãos a condução do processo.	Oração subordinada adverbial concessiva à (131)	
	N2**	(134)	[Por isso,] Repudiamos com veemência as repressões brutais	Oração coordenada assindética à (129) e oração principal do N2**	
		(135)	que vitimam populações civis.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (134)	
	O2	O2*	(136)	Estamos convencidos	Oração coordenada assindética à (138) e à (139) e oração principal do O2*
			(137)	de que, para a comunidade internacional, o recurso à força deve ser sempre a última alternativa.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (136)
O2**		(138)	[Assim,] A busca da paz e da segurança no mundo não pode limitar-se a intervenções em situações extremas.	Oração coordenada assindética à (136) e à (139)	
O2***		(139)	[Por isso,] Apoiamos o secretário-geral no seu esforço	Oração coordenada assindética à (136) e à (138) e oração principal do O2***	
		(140)	de engajar as Nações Unidas na prevenção de conflitos, por meio do exercício incansável da democracia e da promoção do desenvolvimento.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (139)	
P2	P2*	(141)	O mundo sofre, hoje, as dolorosas consequências de intervenções	Oração principal do P2	
		(142)	que agravaram os conflitos,	Oração subordinada adjetiva restritiva à (141)	
		(143)	possibilitando a infiltração do terrorismo	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (142)	
		(144)	onde ele não existia,	Oração subordinada adverbial locativa à (143) e	



				oração coordenada assindética à (145) e à (146)
		(145)	inaugurando novos ciclos de violência,	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (142) e oração coordenada assindética à (144) e à (146)
		(146)	multiplicando os números de vítimas civis.	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (142) e oração coordenada assindética à (144) e à (145)
Q2	Q2*	(147)	Muito se fala sobre a responsabilidade	Oração principal do Q2
		(148)	de proteger;	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (147)
	Q2**	(149)	[mas] pouco se fala sobre a responsabilidade	Oração coordenada assindética à (147)
		(150)	ao proteger.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (149)
R2	R2*	(151)	São conceitos	Oração principal do R2*
		(152)	que precisamos amadurecer juntos. [= <i>que precisam ser amadurecidos juntos, por nós</i> ]	Oração subordinada adjetiva restritiva à (151) e oração coordenada assindética à (153)
	R2**	(153)	Para isso, a atuação do Conselho de Segurança é essencial,	Oração coordenada sindética à (152), e oração coordenada assindética à (154) e à (156)
	R2***	(154)	e ela será tão mais acertada	Oração coordenada sindética aditiva à (153) e à (156) e oração principal do R2***
		(155)	quanto mais legítimas forem suas decisões,	Oração subordinada adverbial proporcional à (154)
	R2****	(156)	e a legitimidade do próprio Conselho depende, cada dia mais, de sua reforma.	Oração coordenada sindética aditiva à (153) e à (154)



§ 6º					
S2	S2*	(157)	Senhor presidente, a cada ano [...], mais urgente se faz uma solução para a falta de representatividade do Conselho de Segurança,	Oração principal do S2	
		(158)	[que passa]	Oração subordinada adjetiva restritiva à (157)	
		(159)	o que corrói sua eficácia.	Oração subordinada adjetiva explicativa à (157)	
T2	T2*	(160)	O ex-presidente Joseph Deiss recordou-me um fato impressionante:	Oração coordenada assindética à (162) e oração principal do T2*	
		(161)	o debate em torno da reforma do Conselho já entra em seu 18º ano.	Oração subordinada substantiva apositiva à (160)	
	T2**	(162)	[Assim,] Não é possível, senhor presidente,	Oração coordenada assindética à (160) e à (164) e oração principal do T2**	
		(163)	protelar mais.	Oração subordinada substantiva subjetiva à (162)	
	T2***	(164)	[Porque] O mundo precisa de um Conselho de Segurança	Oração coordenada assindética à (162) e oração principal do T2***	
		(165)	que venha a refletir a realidade contemporânea;	Oração subordinada adjetiva restritiva à (164)	
		(166)	[de] um Conselho que incorpore novos membros permanentes e não-permanentes, em especial representantes dos países em desenvolvimento.	Oração subordinada substantiva objetiva indireta não preposicionada à (164)	
	U2	U2*	(167)	O Brasil está pronto	Oração coordenada assindética à (169), à (171), à (172) e à (174) e oração principal do U2*
			(168)	a assumir suas responsabilidades como membro permanente do Conselho.	Oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo à (167)
U2**		(169)	[Porque] Vivemos em paz com nossos vizinhos	Oração coordenada assindética à (167), à (171), à (172) e à (174) e oração principal do U2**	



		(170)	há mais de 140 anos.	Oração subordinada adverbial temporal à (169)
	U2***	(171)	Temos promovido com eles bem-sucedidos processos de integração e de cooperação.	Oração coordenada assindética à (167), à (169), à (172) e à (174)
	U2****	(172)	[E] Abdicamos, por compromisso constitucional, do uso da energia nuclear para fins	Oração coordenada assindética à (167), à (169), à (171) e à (174) e oração principal do U2****
		(173)	que não sejam pacíficos.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (172)
	U2*****	(174)	[Assim,] Tenho orgulho	Oração coordenada assindética à (167), à (169), à (171) e à (172) e oração principal do U2*****
		(175)	de dizer	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (174)
		(176)	que o Brasil é um vetor de paz, estabilidade e prosperidade em sua região, e até mesmo fora dela.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (175)
V2	V2*	(177)	No Conselho de Direitos Humanos, atuamos	Oração principal do V2
		(178)	inspirados por nossa própria história de superação.	Oração subordinada adverbial modal à (177)
W2	W2*	(179)	Queremos para os outros países	Oração principal do W2
		(180)	o que queremos para nós mesmos.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (179)
X2	X2*	(181)	O autoritarismo, a xenofobia, a miséria, a pena capital, a discriminação, todos são algozes dos direitos humanos.	Oração absoluta
Y2	Y2*	(182)	Há violações em todos os países, sem exceção.	Oração coordenada assindética à (183) e à (184)
	Y2**	(183)	[Por isso] Reconheçamos esta realidade	Oração coordenada assindética à (182)
	Y2***	(184)	e aceitemos, todos, as críticas.	Oração coordenada sindética aditiva à (182) e à (183)
Z2	Z2*	(185)	Devemos nos beneficiar delas	Oração coordenada assindética à (186)
	Z2**	(186)	e criticar, sem meias-palavras, os casos	Oração coordenada



			flagrantes de violação,	sindética aditiva à (185) e oração principal do Z2**
		(187)	onde quer que ocorram.	Oração subordinada adverbial locativa à (186)
<b>§ 7º</b>				
A3	A3*	(188)	Senhor presidente, quero estender ao Sudão do Sul as boas vindas à nossa família de nações.	Oração absoluta
B3	B3*	(189)	O Brasil está pronto	Oração principal do B2
		(190)	a cooperar com o mais jovem membro das Nações Unidas	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (189) e oração coordenada assindética à (191)
		(191)	e contribuir para seu desenvolvimento soberano.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (189) e oração coordenada sindética aditiva à (190)
C3	C3*	(192)	Mas lamento ainda não poder saudar, desta tribuna, o ingresso pleno da Palestina na Organização das Nações Unidas.	Oração coordenada assindética à (193) e à (194) <sup>6</sup>
	C3**	(193)	[ <i>Porque</i> ] O Brasil já reconhece o Estado palestino como tal, nas fronteiras de 1967, de forma consistente com as resoluções das Nações Unidas.	Oração coordenada assindética à (192) e à (194)
	C3***	(194)	[ <i>E</i> ] Assim como a maioria dos países nesta Assembleia, acreditamos	Oração coordenada assindética à (192) e à (193) e oração principal do C3***
		(195)	que é chegado o momento de termos a Palestina aqui representada a pleno título.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (206)
D3	D3*	(196)	O reconhecimento ao direito legítimo do povo palestino à soberania e à autodeterminação amplia as possibilidades de uma paz duradoura no Oriente Médio.	Oração coordenada assindética à (197)
	D3**	(197)	[ <i>Porque</i> ] Apenas uma Palestina livre e soberana poderá atender aos legítimos anseios de Israel por paz com seus vizinhos, segurança em suas fronteiras e estabilidade	Oração coordenada assindética à (196)

<sup>6</sup> O “mas” inicial possui valor apenas retórico de ênfase do que de conectivo.



			política em seu entorno regional.	
E3	E3*	(198)	Venho de um país	Oração principal do E3*
		(199)	onde descendentes de árabes e judeus são compatriotas	Oração subordinada adjetiva restritiva à (198) e oração coordenada assindética à (200)
		(200)	e convivem em harmonia -	Oração subordinada adjetiva restritiva à (198) e oração coordenada sindética aditiva à (199)
	E3**	(201)	como deve ser.	Oração intercalada
§ 8º				
F3	F3*	(202)	Senhor presidente, o Brasil defende um acordo global, abrangente e ambicioso	Oração coordenada assindética à (204) e oração principal do F3*
		(203)	para combater a mudança do clima no marco das Nações Unidas.	Oração subordinada adverbial final à (202)
	F3**	(204)	Para tanto, é preciso	Oração coordenada sindética conclusiva à (202) e oração principal do F3**
		(205)	que os países assumam as responsabilidades	Oração subordinada substantiva subjetiva à (204)
		(206)	que lhes cabem.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (205)
G3	G3*	(207)	Apresentamos uma proposta concreta, voluntária e significativa de redução (de emissões), durante a Cúpula de Copenhague, em 2009.	Oração coordenada assindética à (208)
	G3**	(208)	[E] Esperamos poder avançar já na reunião de Durban,	Oração coordenada assindética à (207) e oração principal do G3**
		(209)	apoiando os países em desenvolvimento nos seus esforços de redução de emissões	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (208) e oração coordenada assindética à (210)
		(210)	e garantindo	Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio à (208) e oração coordenada assindética à (209)



		(211)	que os países desenvolvidos cumprirão suas obrigações, com novas metas no Protocolo de Quioto, para além de 2012.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (210)
H3	H3*	(212)	Teremos a honra	Oração coordenada assindética à (215) e oração principal do H3*
		(213)	de sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, em junho do ano	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (212)
		(214)	que vem.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (213)
	H3**	(215)	[E] Juntamente com o secretário-geral Ban Ki-moon, reitero aqui o convite	Oração coordenada assindética à (212) e oração principal do H3**
		(216)	para que todos os chefes de Estado e de Governo compareçam.	Oração subordinada adverbial final à (215)
<b>§ 9º</b>				
I3	I3*	(217)	Senhor presidente e minhas companheiras mulheres de todo mundo, o Brasil descobriu	Oração principal do I3
		(218)	que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (217) e oração coordenada assindética à (219)
		(219)	E [descobriu] que uma verdadeira política de direitos humanos tem por base a diminuição da desigualdade e da discriminação entre as regiões, entre as pessoas e entre os gêneros.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (217) e oração coordenada sindética aditiva à (218)
J3	J3*	(220)	O Brasil avançou política, econômica e socialmente	Oração coordenada assindética à (222) e oração principal do J3*
		(221)	sem comprometer sequer uma das liberdades democráticas.	Oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo à (234)
	J3**	(222)	[Assim] Cumprimos quase todos os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, antes de 2015.	Oração coordenada assindética à (220)
K3	K3*	(223)	Saíram da pobreza	Oração coordenada assindética à (224) e à (225)



	K3**	(224)	e ascenderam para a classe média no meu país quase 40 milhões de brasileiras e de brasileiros.	Oração coordenada sindética aditiva à (223) e oração coordenada assindética à (225)
	K3***	(225)	[Por isso,] Tenho plena convicção	Oração coordenada assindética à (223) e à (224) e oração principal do K3***
		(226)	de que cumpriremos nossa meta	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (225)
		(227)	de, até o final do meu governo, erradicar a pobreza extrema no Brasil.	Oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo à (226)
L3	L3*	(228)	No meu país, a mulher tem sido fundamental na superação das desigualdades sociais.	Oração coordenada assindética à (229), à (230) e à (233)
	L3**	(229)	[De tal modo que] Nossos programas de distribuição de renda têm nas mães a figura central.	Oração coordenada assindética à (228) e à (230)
	L3***	(230)	[Porque] São elas que cuidam dos recursos	Oração principal do L3***
		(231)	que permitem às famílias	Oração subordinada adjetiva restritiva à (230)
		(232)	investir na saúde e na educação de seus filhos.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (231)
	L3****	(233)	Mas o meu país, como todos os países do mundo, ainda precisa fazer muito mais pela valorização e afirmação da mulher.	Oração coordenada assindética à (228)
M3	M3*	(234)	Ao falar disso,	Oração subordinada adverbial temporal à (235)
		(235)	cumprimento o secretário-geral Ban Ki-moon pela prioridade	Oração coordenada assindética à (237) e oração principal do M3*
		(236)	que tem conferido às mulheres em sua gestão à frente das Nações Unidas.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (235)
	M3**	(237)	[E] Saúdo, em especial, a criação da ONU Mulher e sua diretora-executiva, Michelle Bachelet.	Oração coordenada assindética à (235)
<b>§ 10</b>				
N3	N3*	(238)	Senhor presidente, além do meu querido Brasil, sinto-me, aqui, hoje,	Oração principal do N3*



	(239)	representando também todas as mulheres do mundo.	Oração subordinada adverbial modal à (238)
N3**	(240 <sup>a</sup> )	As mulheres anônimas, aquelas	Sentença nominal com valor apositivo à (239) e com valor de oração principal do N3**
	(240 <sup>b</sup> )	que passam fome	Oração subordinada adjetiva restritiva à (240 <sup>a</sup> ) e oração coordenada assindética à (241), à (243), à (244), à (245), à (246) e à (247)
	(241)	e [que] não podem dar	Oração subordinada adjetiva restritiva à (240 <sup>a</sup> ), oração coordenada sindética aditiva à (240 <sup>b</sup> ) e oração coordenada assindética à (243), à (244), à (245), à (246) e à (247)
	(242)	de comer aos seus filhos;	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (241)
	(243)	{aquelas} que padecem de doenças	Oração subordinada adjetiva restritiva à (240 <sup>a</sup> ) e oração coordenada assindética à (240 <sup>b</sup> ), à (241), à (244), à (245), à (246) e à (247)
	(244)	e não podem se tratar;	Oração subordinada adjetiva restritiva à (240 <sup>a</sup> ) e oração coordenada sindética aditiva à (240 <sup>b</sup> ), à (241), à (243), à (245), à (246) e à (247)
	(245)	{aquelas} que sofrem violência	Oração subordinada adjetiva restritiva à (240 <sup>a</sup> ) e oração coordenada assindética à (240 <sup>b</sup> ), à (241), à (243), à (244), à (246) e à (247)
	(246)	e são discriminadas no emprego, na sociedade e na vida familiar;	Oração subordinada adjetiva restritiva à (240 <sup>a</sup> ) e oração coordenada



				sindética aditiva à (240 <sup>b</sup> ), à (241), à (243), à (244), à (245) e à (247)	
		(247)	{aquelas} cujo trabalho no lar cria as gerações futuras.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (240 <sup>a</sup> ) e oração coordenada assindética à (240 <sup>b</sup> ), à (241), à (243), à (244), à (245) e à (246)	
O3	O3*	(248)	Junto minha voz às vozes das mulheres	Oração coordenada assindética à (253) e oração principal do O3*	
		(249)	que ousaram lutar,	Oração subordinada adjetiva restritiva à (248) e oração coordenada assindética à (250) e à (251)	
		(250)	que ousaram participar da vida política e da vida profissional,	Oração subordinada adjetiva restritiva à (248) e oração coordenada assindética à (249) e à (251)	
		(251)	e [que] conquistaram o espaço de poder	Oração subordinada adjetiva restritiva à (248) e oração coordenada sindética aditiva à (249) e à (250)	
		(252)	que me permite estar aqui.	Oração subordinada adjetiva restritiva à (251)	
	O3**	(253)	[Porque] Como mulher [...], sei	Oração coordenada assindética à (248) e oração principal do O3**	
		(254)	[que sofreu tortura no cárcere]	Oração subordinada adjetiva restritiva à (253)	
		(255)	como são importantes os valores da democracia, da justiça, dos direitos humanos e da liberdade.	Oração subordinada substantiva objetiva direta à (253)	
	P3	P3*	(256)	E é com a esperança [...] que tenho a honra	Oração principal do P3
			(257)	[de que estes valores continuem inspirando o trabalho desta Casa das Nações]	Oração subordinada adjetiva restritiva à (256)
(258)			de iniciar o Debate Geral da 66 <sup>a</sup> Assembleia-Geral da ONU. Muito obrigada.	Oração subordinada substantiva completiva nominal à (256)	

